

Cadernos Teologia Pública



O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia

Antonio Manzatto

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (online)
ano XIII • número 107 • volume 13 • 2016

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

 UNISINOS

O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia

The Vatican and the insertion of historical categories in theology

Antonio Manzatto

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

É consenso dizer que o Concílio Vaticano II provocou certa revolução no modo de ser eclesial porque, seguindo a intuição de João XXIII, realizou autêntica atualização da Igreja fazendo-a inserir-se na contemporaneidade. Esta atualização, é sabido, não é fruto do acaso, mas foi preparada por diversos movimentos que já se faziam sentir na Igreja desde o início do século XX, como o movimento ecumênico, o movimento litúrgico, etc. No terreno da teologia, sua evolução e atualização acontece por conta da inserção de categorias históricas no desenvolvimento da elaboração teológica, tal como realizada pela *Nouvelle Théologie* e outros movimentos similares. Sabe-se, por outro lado, da dificuldade de diálogo com a modernidade que a teologia nascida da cristandade teve, e uma das razões maiores para isso foi manter seu pensamento marcado por categorias essencialistas. O presente artigo destaca a introdução de categorias históricas no pensamento eclesial e a ela filia tanto a atualização teológica conciliar como as teologias subsequentes, sobretudo as contextuais.

Palavras-Chave: *Nouvelle Théologie*; História; Igreja; Atualização; Contexto.

Abstract

There is a consensus on saying that the Second Vatican Council caused a certain revolution in the way of being ecclesial, because, following the intuition of John XXIII, it made an authentic updating of the Church, making it to insert itself in contemporaneity. This update, as it is known, is not the result of chance, but it was prepared by various movements already being felt in the Church since the beginning of the 20th century, as the ecumenical movement, the liturgical movement, etc. In the field of theology, its evolution and updating happens due to the insertion of historical categories in the development of theological elaboration, as performed by *Nouvelle Théologie* and other similar movements. The difficulty the theology born from Christianity had to dialogue with modernity is known, and one of the biggest reasons for that was to keep its thoughts marked by essentialist categories. This article highlights the introduction of historical categories in the ecclesial thought, and affiliates it with both the Conciliar theological update, and the subsequent theologies, particularly the contextual ones.

Keywords: *Nouvelle Théologie*; History; Church; Update, context.

O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia

Antonio Manzatto

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *José Ivo Follmann, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XIII – Vol. 13 – Nº 107 – 2016

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Unilasalle, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUCRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014).

ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Coullart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

Email: humanitas@unisinos.br

O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia¹

Antonio Manzatto

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Introdução

Sempre que o olhar histórico se volta para o Concílio Vaticano II, a palavra atualização é recorrente. O *aggiornamento* procurado pelo Papa João XXIII foi levado a sério pelos padres conciliares de tal forma que ele representa bem aquilo que o Concílio significou para toda a Igreja. Efetivamente era preciso que a comunidade crente voltasse a se encontrar com as realidades

vividas pelas pessoas que dela faziam parte, assim como era preciso que a instituição eclesiástica se posicionasse no mundo de forma a poder continuar ali tendo relevância, sob o risco de esquecimento ou, pior, insignificância.

Por isso o Papa quis dar ao Concílio uma coloração pastoral. Entendia ele que não seria necessário gastar tempo e esforço da assembleia conciliar em debates doutrinários que quisessem precisar pontos da ortodoxia da afirmação de fé, mas era necessário entregar-se às questões prementes de como ser presença no mundo e como poder acompanhar a humanidade mergulhada agora em situações outras e às quais a Igreja devia poder dizer uma palavra que fosse salutar. Efetivamente a preocupação do Concílio devia ser pastoral.

¹ Este artigo é a íntegra da apresentação proferida pelo Prof. Dr. Antonio Manzatto no dia 20 de maio de 2015, nas Sessões Temáticas do II Colóquio Internacional IHU – O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Teologia e pastoral

No entanto, curiosamente, o documento mais nitidamente pastoral do Concílio, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, foi um dos últimos a serem aprovados pelos padres conciliares, já na véspera do encerramento do Concílio. O primeiro documento aprovado foi a *Sacrosanctum Concilium*, sobre a liturgia. É verdade que se pode argumentar que a liturgia tem um certo caráter pastoral ou, ao menos, de visibilidade eclesial e sua atualização poderia ajudar no processo de *aggiornamento* de toda a Igreja. E foi assim mesmo que aconteceu. A reforma litúrgica proporcionada por aquele documento deu o sinal do caminho que devia ser percorrido pelo Concílio nas sessões posteriores.

Motivada pela convocação do Papa e pelo resultado das primeiras sessões, toda a Igreja se mobilizou em torno da preparação, das discussões e das decisões conciliares. Não faltou quem gostasse e quem não gostasse, quem tivesse críticas e quem se desmanchasse em elogios. Os debates teológicos, contudo, se fariam sentir mais intensamente no desenrolar das Assembleias. Momento marcante e decisivo foi o do debate sobre a Igreja que originou o documento *Lumen Gentium*. Os esque-

mas propostos pela Comissão Central sofreram tantas críticas e propostas de alterações que os debates se estenderam durante toda a segunda sessão do Concílio e o texto definitivo só foi aprovado no final de novembro de 1964, não sem que a Secretaria do Concílio inserisse uma Nota Prévia explicativa sobre a maneira de se entender o que o texto dizia.

Se as discussões sobre a Igreja foram intensas, produziram também um consenso que determinou o caminho a ser seguido. O mesmo aconteceu com outros temas conciliares, inclusive aquele sobre a Revelação e o fazer teológico. A Constituição Dogmática *Dei Verbum* só foi aprovada em 1965 depois de intensos debates entre os especialistas e os padres conciliares. Mas também produziu um consenso que resultaria na forma de se elaborar teologia nos anos posteriores. Ou seja, as discussões e os textos conciliares abriram caminhos pelos quais a reflexão teológica poderia caminhar nos tempos futuros, e assim foi feito. O *aggiornamento* não se produziu de uma única vez como um único fato, mas a Igreja foi-se atualizando ao longo dos anos, acompanhando a evolução das sociedades humanas de forma pastoral como era a proposta do Papa João XXIII.

Acontece que, e é até mesmo evidente, pastoral e teologia se inter-relacionam e possuem uma mútua dependência. De um lado, não existe prática pastoral desligada de uma elaboração teológica. Não se quer dizer que a pastoral seja simples aplicação de uma teologia pré-elaborada, mas que há pressupostos teológicos que presidem a prática e consequências teológicas que são buscadas por ela. A teologia é momento teórico e a pastoral é ação prática da Igreja; a prática, como é sabido, obedece a princípios, planos, estratégias, objetivos. A ação pastoral não é casual ou eventual, e se o é, isso também obedece a princípios, objetivos, etc. Não existe prática que não se refira a uma teoria, para afirmá-la ou criticá-la. De seu lado, a reflexão teológica também se faz com a prática e a partir dela, mais não fosse pelo fato de ser ela aquela que se encontra com a humanidade em suas situações existenciais. Por isso a pastoral questiona a teologia, lhe aponta outras questões e a empurra adiante para que contemple o lugar e as diferentes situações onde as pessoas crentes vivem suas vidas e as estruturas eclesiais se concretizam. Se a pastoral se faz a partir da teologia, esta também se elabora a partir de práticas pastorais, em círculo não vicioso, mas virtuoso.

Aliás, esta percepção não é nova nem o princípio foi descoberto ou inventado pelo Vaticano II. Ele é tradicional na história da Igreja, ainda que na época do Concílio tenha parecido uma novidade a afirmação da incidência teológica da ação pastoral, pois este princípio se torna mais claro na medida em que a Igreja se abre à realidade circundante, sobretudo aquela atual, marcada por características de modernidade.

Igreja e modernidade

São conhecidos os problemas vivenciados pela Igreja em tempos de modernismo, palavra que significava na época um pouco daquilo que modernidade significa na atualidade. É a resistência da Igreja diante dos novos caminhos da humanidade que a condenou a um isolamento do qual só vislumbrou saída com o Concílio Vaticano II. À parte as questões políticas que não são sem importância, ressaltemos alguns aspectos de cunho mais teórico para caracterizar a situação de tensão e oposição vivenciada por esta espécie de confronto entre a mentalidade moderna e a forma de constituição do

pensamento eclesial naquele momento, mais devedor de certo essencialismo medieval.

Existem múltiplas maneiras de se caracterizar o pensamento moderno, quer ele seja chamado de modernismo, modernidade ou época moderna. Rapidamente e seguindo Ladrière², podemos dizer que o pensamento moderno se caracteriza pela racionalidade, pela subjetividade e pela historicidade. Há outros elementos, mas estes já nos dão uma compreensão bastante clara do que se quer dizer. Em tempos de racionalidade, vale o argumento de razão e, preferencialmente, sua comprovação. Procede-se a uma espécie de desencantamento do mundo³ uma vez que os fenômenos passam a ser compreendidos, explicados, repetidos e, muitas vezes, controlados. Entende-se como as coisas funcionam e com isso se afasta o pensamento mágico que atribui poder aos objetos e aos encantamentos. Afirma-se também o valor do sujeito que conhece e que decide sobre princípios, tempos e maneiras. Passa-se do conhecimento unica-

mente objetivo à realidade do sujeito que conhece e que pode utilizar este conhecimento de maneiras variadas, inclusive para a dominação. É o sujeito, também, senhor de suas próprias decisões em um mundo emancipado, que se constrói e modifica sem consulta ao sagrado. A consciência da história lhe dá, por isso, o conhecimento dos processos, da evolução, do progredir. Nem tudo está determinado e o que virá depende daquilo que se faz. Perde-se a noção de que as coisas sempre foram assim e passa-se a pensar que elas podem ser diferentes, em processos históricos onde a razão e o sujeito intervêm de maneira significativa.

Diante da mentalidade assim constituída, compreendem-se os embates com a Igreja que ainda vive em mentalidade medieval e, muitas vezes, anseia por reconstruir aquele ambiente para que aquela mentalidade readquiria sentido. Não se enxerga muito bem no interior da Igreja como a racionalidade pode ter proeminência se a referência religiosa é à Revelação divina e aos seus desígnios insondáveis e misteriosos. Para os religiosos, em alguns aspectos a afirmação da racionalidade parece determinar o fim do mistério e de tudo que é sagrado. Para a teologia, permanece o problema de uma Revelação que é dada, que antecede a reflexão e à qual não

2 Ver. LADRIÈRE, Jean. De la critique de la société industrielle à la critique de la modernité. *Revue Philosophique de Louvain*, 89, 1991, p. 5-21; LOBO, Marcela. *La théologie est-elle une science?* Berlim: Lit Verlag, 2014, sobretudo a parte 2.

3 Cf. GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde*. Paris: Gallimard, 1985.

se chega como conclusão de raciocínio. Da mesma maneira, o pensamento que valoriza o sujeito parece afastar toda possibilidade de pertença à comunidade e, o que é pior para a autoridade constituída, parece afastar toda necessidade de obediência. Entendem-se aqui também os problemas vividos pela Igreja, mormente os vividos pelas autoridades eclesiásticas. Não é à toa que o Concílio Vaticano I afirmou o caráter dogmático da infalibilidade papal, exatamente nesse contexto. Por fim, a consciência dos processos parece inconciliável com as referências à vontade de Deus, à escatologia já afirmada e à permanência de estruturas sem as quais a própria Igreja se arrisca a desaparecer. As referências aos processos históricos, que fazem com que as coisas sejam assim hoje mas não amanhã porque não eram assim ontem, são imediatamente afirmadas como relativismo, como rebeldia e como não aceitação dos princípios que fundam a fé.

Como se vê, a tarefa que se deu o Vaticano II não foi pequena, e por isso não se estranham os debates acontecidos. O que pode espantar, de certa forma, é o consenso largamente majoritário estabelecido em um tempo relativamente curto e de maneira relativamente rápida. Isso também não é fruto do acaso, mas da gesta-

ção de uma maneira de pensar que já existia no interior da Igreja e ainda não tinha tido ocasião de se manifestar de maneira mais oficial. Esta maneira de pensar já tentava resolver os problemas causados por aquele antagonismo de mentalidades, apontando para uma forma de fazer teologia que fosse ao mesmo tempo tradicional e moderna, levando a sério a realidade e os princípios básicos da tradição cristã.

A renovação conciliar

São bastante conhecidos os movimentos de renovação que foram se organizando no interior da Igreja ao longo dos anos e que desembocaram no Concílio Vaticano II. Eles praticamente conduziram a Igreja à realização do Concílio e ali deram a força de sua marca, ajudando a realizar a renovação ansiada, anunciada e finalmente realizada. Assim aconteceu com o movimento de renovação litúrgica, cuja influência na elaboração da *Sacrosanctum Concilium* é bastante perceptível. Também o movimento ecumênico, que fez com que o Concílio aprovasse importantes documentos na linha do diálogo com outras igrejas e religiões e, posteriormente, que

houvesse práticas efetivas nesta linha. O mesmo com os movimentos de renovação teológica, desde os que propunham a atualização dos métodos de leitura bíblica até outros mais elaborados como os da *Nouvelle Théologie*. O mesmo com os movimentos de renovação de espiritualidade ou aqueles engajados em uma renovação pastoral efetiva, como a Ação Católica, por exemplo. Enfim, existiam práticas advindas de movimentos que efetivamente atualizavam a vida da Igreja e vieram à tona quando da realização do Concílio e ali mostraram sua força e importância, levando a igreja toda a andar por caminhos renovados.

Do ponto de vista estritamente teológico, as atenções se voltam para o que se costuma chamar de *Nouvelle Théologie*⁴ e cujos teólogos mais renomados foram determinantes na elaboração dos documentos conciliares, uma vez que lá praticamente todos estiveram como consultores, peritos ou assessores dos padres conciliares. Os nomes mais recorrentes do que se convencionou chamar de *Nouvelle Théologie* são os dos jesuítas de Lyon e os dos dominicanos do Le Saulchoir, como os de Henri

de Lubac, Jean Daniélou, Yves Congar, Marie-Dominique Chenu, Hans Urs von Balthasar, Louis Boyer e aos quais se juntarão mais tarde outros como Joseph Ratzinger, Edward Schillebeeckx, e alguns ainda incluirão aí os nomes de Karl Rahner e Hans Küng. Seja como for, o centro de reflexão da construção desta nova maneira de pensar teologicamente foi a França, e a seus pensadores se juntaram outros belgas, alemães e holandeses. O nome de *Nouvelle Théologie* lhe foi dado por seus opositores, notadamente o texto crítico de Garrigou-Lagrange⁵ sobre esta nova forma de fazer teologia. Ela foi duramente combatida por teólogos e mesmo criticada em documentos eclesiais elaborados sob o pontificado de Pio XII. No Concílio Vaticano II foi requalificada e, de certa forma, oficializada.

Dentre seus pontos principais, destaque-se o clamor pelo retorno às fontes, chamado de refontização, e a contextualização do pensamento teológico, de maneira especial o tomista, o que lhe valia uma postura de atualização do pensar teológico. Seus adversários a acusavam de ser pensamento modernista travestido de teologia⁶,

4 Cf. D'AMBROSIO, Marcellino. Ressourcement theology, aggiornamento, and hermeneutics of tradition. *Communio*, 18, 1991.

5 GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald. La nouvelle théologie ou va-t-elle? *Angelicum*, 23, 1946, pp. 126-145.

6 Assim apontava o texto de Lagrange citado acima.

mas o que lhe deu destaque foi seu rigor de pensamento crítico. O retorno às fontes não é elogio do tradicionalismo, como desejavam os de outra corrente teológica, mas refontização que possibilita viver a fé nos dias atuais inspirados pelos comportamentos e pensamentos passados. A forma de os cristãos viverem sua fé no período histórico que foi o deles proporciona inspiração para que vivamos a mesma fé no contexto histórico que é o nosso, fundamentalmente diferente daquele. Assim também a contextualização do pensamento tomista, sobretudo a partir do trabalho de Chenu⁷, onde se quer compreender o pensamento de Tomás de Aquino a partir de seu contexto medieval e não da recepção de seu pensamento realizada posteriormente. Com isso a *Nouvelle Théologie* estabelecia os princípios críticos sobre a forma tradicional de fazer teologia, que se fazia normalmente em repetição do tomismo clássico e em posição antimodernista, e estabelecia também princípios sobre os quais construir uma reflexão teológica atual e pertinente, com o retorno às fontes de maneira contextualizada para permitir sua atualização no mundo atual.

7 CHENU, Marie-Dominique. *Introduction à l'étude de Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Le Vrin, 1993.

Dentre as várias aquisições que este movimento proporcionou à teologia, sobretudo no que se refere aos renovados estudos sobre os padres da Igreja e àqueles sobre São Tomás, destacam-se a compreensão de que a refontização pode e deve ser uma revitalização da Igreja e seria condição para sua atualização. Viver a fé no ambiente eclesial não se resume a praticar ou defender suas estruturas, mas pensar seu impacto na sociedade onde ela se situa. Assim aconteceu na época dos padres quando, ainda sem todas as estruturas eclesiais, foi preciso descobrir formas de vivenciar a fé em um mundo marcado pelo paganismo. Assim também aconteceu com Tomás quando, em época medieval e com muitas estruturas eclesiais, também foi preciso pensar maneiras de viver a fé segundo proporcionavam aquelas estruturas. Hoje, no tempo que é o nosso, marcado pela secularização e por tantas outras situações que não são similares ao que foi vivido em outras épocas, será preciso também encontrar formas de vivenciar a fé, mas sempre inspirados e como que refontalizados pela vida e pelos pensamentos dos que nos precederam. Há aqui, claramente, uma referência à espiritualidade, pois se fala de refontização, e uma referência às situações e aos proces-

soos históricos como maneira de compreender o que lá foi vivido e o que deve, então, ser atualizado.

Por outro lado, e talvez seja a grande aquisição da *Nouvelle Théologie*, se estabelece a necessidade de bem conduzir uma conseqüente hermenêutica da Tradição. Que haja necessidade deste procedimento quanto à Bíblia, isso é facilmente demonstrável e há consenso estabelecido a respeito. Nem sempre o mesmo se dá com relação à leitura da Tradição, onde também se pode ser fundamentalista. Para estudar o contexto de São Tomás, por exemplo, Chenu procedeu segundo um método rigoroso de crítica histórica, e foi isso que lhe permitiu não refutar o pensamento de Tomás, mas entendê-lo em sua grandeza porque referindo-se àquela situação histórica. Assim foi possível fazer uma verdadeira hermenêutica histórica, muito próximo daquilo que Gadamer chamava de fusão de horizontes⁸. Seja como for, estabelece-se a necessidade de uma hermenêutica da Tradição, trabalho que pode muito bem contar com os aportes de

Ricoeur⁹ além de Gadamer e outros que estabeleceram de forma pertinente critérios e procedimentos para uma conveniente hermenêutica histórica.

A renovação conciliar não aconteceria daquela forma se não houvesse estes estudos e debates acontecidos anteriormente. Eles dão a clara percepção de como categorias históricas influenciaram a realização do Concílio, seus debates, seus textos e sua recepção pela Igreja. Claro que ele não foi simplesmente repetição da *Nouvelle Théologie*, mas a exploração de certos temas, como a teologia dos sinais dos tempos, a autonomia das realidades terrenas e outros, mostram como a maneira de pensar dos padres conciliares foi profundamente marcada pelos procedimentos daquela teologia, notadamente em suas referências à história.

Teologias contextuais

O que se seguiu ao Concílio como vivência eclesial foi sentido em todas as partes como fruto da ação do

8 GADAMER, Hans Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1999; SILVA, Luísa Portocarrero F. Da Fusão de Horizontes ao Conflito de Interpretações: a Hermenêutica entre Gadamer e Ricoeur. *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 1, 1992, p. 127-153.

9 RICOEUR, Paul. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968; RICOEUR, Paul. *Temps et Récit*. Paris: Seuil: 1983/1985; RICOEUR, Paul. *Du texte à l'action*. Paris: Seuil, 1986.

Espírito Santo¹⁰. O próprio Concílio foi visto não poucas vezes como um autêntico Pentecostes em pleno século XX. O *aggiornamento* ansiado foi realizado e a Igreja efetivamente alcançou a humanidade e com ela pôde estabelecer uma relação bastante interessante. Logo depois do impacto inicial de reformas implementadas no espírito conciliar, como as reformas litúrgica, disciplinar, pastoral e teológica, que suscitaram certa resistência dos setores mais conservadores, a prática eclesial foi pautada por uma atitude de relação permanente com a sociedade e a cultura modernas.

Em nosso ambiente latino-americano, fez-se sentir grande renovação eclesiológica com a prática da colegialidade episcopal e a consciência de todos os batizados de pertença ao Povo de Deus, com a consequente responsabilização ministerial na concretização das comunidades eclesiais. Mais ainda, a evolução da ação pastoral e da teologia que lhe deu suporte configurou a identidade da Igreja do continente e ajudou a construir uma nova situação social na América Latina.

10 CHENU, Bruno. *Teologías cristianas de los Terceros Mundos*. Barcelona: Herder, 1989.

Com efeito, a preocupação com o contexto se seguiu, em termos de reflexão teológica latino-americana, àquela perspectiva de contínua repetição de verdades atemporais. A crítica histórica, a evolução das ciências e a irrupção dos pobres fizeram uma Igreja engajada nas questões do mundo e produziram uma teologia criativa e específica da América Latina que ficou conhecida como Teologia da Libertação¹¹.

Não cabe aqui fazer o histórico desta corrente teológica nem discorrer sobre sua importância no cenário da Igreja Universal, e mesmo para além das fronteiras eclesiais. Cabe sim, notar que esta maneira de refletir teologicamente tem profundas influências conciliares porque também se desenvolve a partir da compreensão de atualização e de refontização, próprias da teologia que serviu como instrumento de renovação para os trabalhos do Concílio Vaticano II. *Grosso modo*, podemos dizer que a nova perspectiva que a *Nouvelle Théologie* lhe deu foi a inserção, em sua maneira de proceder, de

11 GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. A teologia do Concílio Vaticano II e suas consequências na emergência da Teologia da Libertação. In: BOMBONATTO, Vera Ivanise; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Org.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 69-94.

categorias históricas que lhe permitiram perceber como a teologia e a prática cristãs podem ter impactos diferentes ou serem percebidas de maneiras distintas conforme os diferentes contextos onde são vivenciadas. A isso aludimos mais acima. Também se pode dizer que esta maneira de proceder, a inserção de categorias históricas na elaboração dos textos e documentos conciliares, fez com que o Vaticano II pudesse encontrar seu espírito renovador e insuflar novas perspectivas no ambiente eclesial. A isso também nos referimos anteriormente.

O que se quer destacar no momento é que a mesma maneira de proceder esteve presente nas teologias elaboradas após o Concílio, sobretudo as chamadas “teologias contextuais”, como é o caso da Teologia da Libertação. Seu método ver, julgar e agir, já estabelecido anteriormente pela Ação Católica e que ajudou a renovar a prática pastoral da Igreja, lhe permitiu inserir de maneira crítica uma percepção do contexto, a partir de suas raízes históricas, para propor ao agir cristão uma referência concreta em vista da transformação da realidade. Em linhas gerais, sem a crítica histórica a teologia da libertação não se teria constituído. O mesmo se pode dizer das outras teologias contextuais que se elaboraram nos mesmos moldes inspirados do Vaticano II.

A atual teologia latino-americana, tome ela o nome de Libertação ou não, também se elabora com categorias históricas sem as quais hoje não se fazem estudos pertinentes das Escrituras, da história da Igreja, da história do dogma, da moral ou de outros capítulos que constituem o universo teológico. Produz-se uma teologia menos essencialista e mais consequente do ponto de vista da ação eclesial, já que permite compreender a história de onde se vem, o contexto onde se vive e o caminho futuro que se quer trilhar. E o mesmo se sucede em outros continentes. A inserção desta perspectiva histórica e crítica produziu, indiscutivelmente, uma renovação na elaboração teológica.

Conclusão

É inegável que nas últimas décadas, contudo, houve um enorme retrocesso em posturas eclesiais e se procurou fazer o mesmo com a elaboração teológica. Posições mais antigas e conservadoras ganharam destaque e incentivo e com isso se quis fazer um retrocesso sobre os passos do Vaticano II. Parece que os opositores do Concílio, derrotados há cinquenta anos, decidiram fazer

valer suas posições algum tempo depois e atualmente. Com isso voltou-se a posturas antimodernistas e à afirmação do tradicionalismo e do poder da autoridade. Seguiram-se punições, processos e embates como não se via desde os tempos de Pio XII e voltou-se a cultivar uma teologia que, igualmente, não se via hegemônica desde aquela época. Contudo as posições teológicas conciliares não esmoreceram, e mesmo que enfrentando dificuldades, conseguiram manter-se no horizonte eclesial, sobretudo através das comunidades eclesiais e da prática pastoral.

Em nosso ambiente latino-americano houve quem concordasse com as celebrações do cinquentário do Concílio esperando celebrar suas exéquias. Há quem o responsabilize por estar na origem de erros doutrinários, nunca demonstrados, evidentemente. O crescimento de movimentos e comunidades de cunho conservador e tradicionalista se justificou, durante tempos, pela ausência de espiritualidade que está na origem do abandono de muitos católicos das práticas religiosas. Contudo, mesmo com a instalação destes grupos e sua hegemonia no ambiente eclesial, a diminuição do número de praticantes é patente. O caráter ideológico de tais movimentos não se esconde mais, e

os mesmos não hesitam em mostrar-se como constitutivos de uma nova aliança entre a Igreja e a classe dominante. Aliás, é curioso perceber como, na sequência do Vaticano II, a teologia avançou e se produziram grandes obras, estudos e eventos que possibilitaram uma verdadeira dinamização eclesial. Aqui na América Latina, da mesma forma, a Teologia da Libertação suscitou tanto entusiasmo que muito se produziu a seu respeito em textos, eventos, trabalhos, mesmo em outros continentes ou outros ambientes que não o eclesial. O retrocesso sobre os passos do Vaticano II não produziu novos trabalhos ou estudos, não produziu avanço teológico nem entusiasmo eclesial. A simples comercialização de produtos devocionais ou de textos de autoajuda mostra seu alcance.

Existe nova esperança no horizonte, no entanto, pois a inesperada renúncia do Papa Bento XVI proporcionou a eleição de Francisco, o primeiro papa jesuíta e o primeiro papa latino-americano da história. O exercício de seu pontificado tem sido uma constante referência aos avanços conciliares e a práticas eclesiais de matriz latino-americana, como seu cuidado pastoral e sua contínua preocupação com os pobres e as periferias onde o sofrimento habita. Indiscutivelmente sua atuação aponta

para os aspectos renovados de atenção ao contexto e de refortificação como base para a atualização.

Talvez seja necessário trabalhar novamente, em tempos vindouros, sobre a questão da hermenêutica da Tradição¹² para que a Igreja e a teologia não estejam à mercê de interesses ideológicos que nada têm a ver com o Evangelho. Claro que isso já se faz, mas talvez seja necessário maior empenho e um destaque maior sobre a questão. As bases já existem e apenas será necessário que com coragem ela seja estudada por especialistas de todos os atuais contextos eclesiais.

Referências

CHENU, Bruno. *Teologías cristianas de los Terceros Mundos*. Barcelona: Herder, 1989.

CHENU, Marie-Dominique. *Introduction à l'étude de Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Le Vrin, 1993.

D'AMBROSIO, Marcellino. Ressourcement theology, aggiornamento, and hermeneutics of tradition. *Communio*, 18, 1991.

GADAMER, Hans Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald. La nouvelle théologie ou va-t-elle? *Angelicum* 23, 1946, pp. 126-145.

GAUCHET, Marcel. *Le désenchantement du monde*. Paris: Gallimard, 1985.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. A teologia do Concílio Vaticano II e suas consequências na emergência da Teologia da Libertação. In: BOMBONATTO, Vera Ivanise; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Org.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 69-94.

LADRIÈRE, Jean. De la critique de la société industrielle à la critique de la modernité. *Revue Philosophique de Louvain*, 89, 1991, p. 5-21.

LOBO, Marcela. *La théologie est-elle une science?* Berlim: Lit Verlag, 2014.

RIQUEUR, Paul. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

_____. *Temps et Récit*. Paris: Seuil: 1983/1985.

_____. *Du texte à l'action*. Paris: Seuil, 1986.

SILVA, Luísa Portocarrero F. Da Fusão de Horizontes ao Conflito de Interpretações: a Hermenêutica entre Gadamer e Ricoeur. *Revista Filosófica de Coimbra*, 1, 1992, p. 127-153.

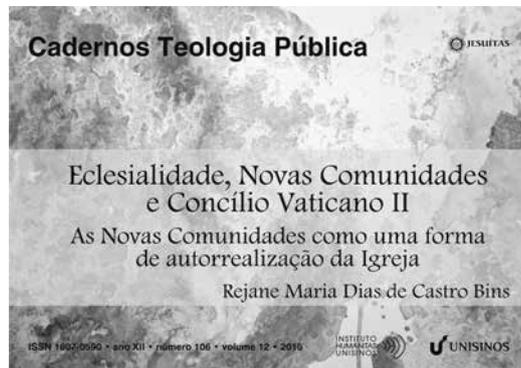
¹² É assim que pensa D'AMBROSIO, Marcellino. Ressourcement theology, aggiornamento, and hermeneutics of tradition. *Communio*, 18, 1991.

Publicações do Instituto Humanitas Unisinos



Nº 48 – *Mineração e o impulso à desigualdade: impactos ambientais e sociais*

Cadernos IHU em formação é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que reúne entrevistas e artigos sobre o mesmo tema, já divulgados na revista **IHU On-Line** e nos **Cadernos IHU ideias**. Desse modo, queremos facilitar a discussão na academia e fora dela, sobre temas considerados de fronteira, relacionados com a ética, o trabalho, a teologia pública, a filosofia, a política, a economia, a literatura, os movimentos sociais etc., que caracterizam o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Nº 106 – *Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja* – Rejane Maria Dias de Castro Bins

A publicação dos **Cadernos Teologia Pública**, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A Teologia Pública busca articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, as culturas e as religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Procura-se, assim, a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade hoje, especialmente a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, constituem o horizonte da teologia pública. Os **Cadernos Teologia Pública** se inscrevem nesta perspectiva.



Nº 52 – *Ética e subjetividade: análise da estrutura subjetiva da vida ética segundo Lima Vaz* – Roseane Welter

Os **Cadernos IHU** divulgam pesquisas produzidas por professores/pesquisadores e por alunos dos cursos de Pós-Graduação, bem como trabalhos de conclusão de acadêmicos dos cursos de Graduação. Os artigos publicados abordam os temas sobre ética, sociedade sustentável, trabalho, gênero e teologia pública, que correspondem aos eixos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Nº 236 – *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters



Os **Cadernos IHU ideias** apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação.

Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo

- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight
- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho

- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém – Aspectos epistemológicos e constelações atuais* – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vitor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo* – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 *A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald
- N. 105 *Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer* – Ney Brasil Pereira
- N. 106 *Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja* – Rejane Maria Dias de Castro Bins



Antonio Manzatto é doutor (1993) e mestre (1990) em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina, Bélgica. Graduado em Teologia (1982) pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e em Filosofia (1978) pelas Faculdades Associadas do Ipiranga. Professor Titular de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Os principais interesses de pesquisa são: Cristologia, Eclesiologia, Antropologia, Teologia da Criação, Tratados de Deus, Teologia e Literatura.

Algumas obras do autor

MANZATTO, Antonio. Em torno da questão da verdade. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 10, p. 12-28, 2012.

_____. O texto entre a história e a fé. *Atualidade Teológica* (PUCRJ), v. 2012, p. 270-278, 2012.

_____. Cristologia latino-americana. In: SOUZA, Ney de (Org.). *Temas de teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 25-65.

_____. O paradigma cristológico do Vaticano II e sua incidência na cristologia latino-americana. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise. (Org.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 207-225.

_____. Notas para uma cristologia para o terceiro milênio. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo – Brasil, n.31, p. 79-107, 2000.

_____. Pour une anthropologie du risque. In: GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul. (Org.). *La foi dans le temps du risque*. 1ed. Paris: Cerf, 1997, p. 13-30.

_____. *Teologia e Literatura*. Uma reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.

Outras Contribuições

MANZATTO, Antonio. Literatura, Teologia e Antropologia: um diálogo sobre o ser humano. [06.07.2009]. Revista IHU On-Line 299. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Entrevista concedida a Patrícia Fachin.

